

REVISTA

21
08

Expresso
23/MAR/13



Grávidas depois dos 50

Família

Com a evolução da ciência o limite de idade para a maternidade está cada vez mais alargado. Mas há riscos



MARIA ALMEIDA
TEM 51 ANOS E JÁ TEM
DOIS NETOS. AGORA
VAI SER MÃE
PELA QUINTA VEZ

MÃES QUE PODIAM SER AVÓS

A maternidade tardia é uma opção na vida de cada vez mais mulheres e Portugal não escapa à regra. Com os avanços médicos ser mãe aos 50 quando muitas mulheres estão em pré-menopausa é hoje viável. O que muda, o que se mantém igual?

TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **JOSÉ VENTURA**

22

M

Maria tinha o *feeling* de que engravidar não iria ser difícil. Apesar de tudo apontar no sentido contrário: já tinha feito uma laqueação de trompas e já estava na menopausa. “Quando a terra é fértil, é como mandioca. Vem...”, diz, lembrando um provérbio popular do Brasil, o seu país natal. Maria Almeida tem 51 anos e está grávida de cinco meses. Mãe de quatro filhos crescidos, de um primeiro marido já falecido, vai ser mãe pela quinta vez em julho. Será o primeiro filho do seu companheiro de há 18 anos, Ailton Sousa, de 39. Este era um desejo antigo de Ailton, que anda numa excitação desde que sabe que vai ser pai. “Na noite em que fizemos o teste de gravidez — eram 4h da manhã — e deu positivo, não dormi”, conta o futuro pai.

Este é um daqueles casos em que o filho vem

JOVIAL FERNANDA FERNANDES, 53 ANOS, NO QUARTO DO FILHO BERNARDO, DE 3. MÃE AOS 50 PELA SEGUNDA VEZ, ESPANTOU-SE COM O PRECONCEITO SOCIAL QUE AINDA EXISTENTE









VONTADE DE PAI
PARA AILTON, 39 ANOS, E MARIA, DE 51, O DESEJO DELE FOI MAIS FORTE. ELA JÁ TINHA QUATRO FILHOS E LAQUEARA AS TROMPAS

por vontade de um homem. Vivem há cinco anos em Portugal, na Arruda dos Vinhos, mas já no Brasil, onde Ailton e Maria se conheceram, ela tinha tentado engravidar. Maria reverteu a laqueação de trompas que fizera “depois do nascimento da quarta filha (hoje com 25 anos)”, longe da ideia de ser mãe outra vez. “Quando conheci o Ailton, disse-lhe sempre que já não podia ter filhos”. Mas, ao fim de uns anos de convivência, o apelo da paternidade falou mais alto, e o casal avançou para tratamento, num hospital público no Brasil. Para pena dos dois, o “óvulo rompeu”. Entretanto, vieram viver para Portugal — ele trabalha numa frutaria desde 2009, ela é assistente num lar. Ainda consideraram adotar uma criança, de uma mãe que engravidou e não queria o bebé — mas esta acabou por se afeiçoar e o processo não chegou a bom porto. Até que, percebendo a inabalável vontade de Ailton, Maria decide avançar, propondo-lhe “fazer um bebé-proveta”. “Ele topou logo”, conta.

“Comecei por procurar uma clínica em Lisboa, mas não gostei da forma como fui tratada. Não sei se pelo facto de ser brasileira ou de já ter 51 anos... Disseram-me que já tinha idade para ser avó e agora é que queria ser mãe...” Não esperaram pela resposta. “Retorqui: ‘Não, eu já sou mesmo avó — tenho dois netos, um de cinco anos, e outro de dois —, mas agora quero ser mãe outra vez.’”

A questão é pertinente. Será que existe uma idade certa para ser mãe? Será o limite biológico (assinalado pela menopausa na mulher) um termo natural que não deve ser contrariado? E então todos os avanços científicos que introduzimos na nossa vida e que a alteraram e melhoraram? Será uma mãe de 20 anos melhor mãe do que uma de 50, apenas por causa da idade? São dúvidas que assistem a médicos e a muitas mulheres que adiaram a maternidade, agora que clinicamente é cada vez mais fácil prolongar a idade da fertilidade feminina até mais tarde.

Segundos e terceiros casamentos vieram alterar a pirâmide tradicional da sociedade atual, empurrando para a frente a idade em que se é pai pela primeira ou segunda vez. Desde sempre que existem exemplos de pais — homens — tardios. Chaplin foi pai pela última vez aos 73 (da terceira mulher, de quem já tivera seis filhos), e Picasso aos 54 (da segunda mulher). Nicolas Sarkozy foi recentemente pai pela quarta vez, aos 56 anos, de Giulia, fruto do seu terceiro casamento com Carla Bruni. Para as mulheres, a resposta social não é a mesma,

desde logo porque sempre existiram os entraves fisiológicos. Agora que é mais fácil desbloqueá-los, e que o papel de homens e mulheres na educação dos filhos é mais igualitário, a questão coloca-se: será uma mulher de 50 anos menos capaz de exercer a maternidade do que um pai da mesma idade?

Voltemos ao caso de Maria e Ailton, e ao seu modesto apartamento na Arruda dos Vinhos. Descontente com o atendimento na clínica de Lisboa, o casal procurou outro estabelecimento de procriação assistida, desta feita em Coimbra. Aí, foram bem atendidos. “O tratamento total custou €6050”, conta Maria, um esforço financeiro substancial para o casal. “Foram utilizados óvulos doados. Tomei suplementos de hormonas, e logo à primeira tentativa de inseminação engravidei.” Agora, “todos os cheiros fortes” a incomodam: “perfumes, ovo...” Quando soube o resultado, Maria ligou aos filhos — que têm 29, 28, 27 e 25 anos — a contar a novidade. “A minha filha, que vive no Brasil, até chorou! E também está grávida, o que significa que vou ser mãe e avó no mesmo ano...”. Já a mãe reagiu pior: “Só faltou chamar-me louca...”

Das pessoas à sua volta, em Portugal, não teve olhares estranhos nem recriminações, garante. “O meu patrão reagiu normalmente.” Quanto a ela, que já não estava grávida há 26 anos, confessa que “no instinto, psicologicamente, é tudo igual”. No corpo, o mesmo não acontece. “Nunca tinha tido azia. Na primeira gravidez engordei 8 kg. Na terceira 16. Nesta, ao fim do terceiro mês, já tinha mais 10 kg”, revela.

Mas também há diferenças pela positiva: “Nenhuma das minhas gravidezes foi planeada: só esta. E nunca ‘curti’ os meus filhos, nas primeiras vezes, porque foram muito seguidos”, desabafa. Agora, sente-se com outro tempo para desfrutar deste rebento. “Antes, também nunca tinha pesquisado nada. Agora, já sei, por exemplo, que os bebés formam os ossos à 17ª semana ou que o sexo se define logo na altura da fecundação”. Por falar nisso, por esta altura o casal já sabe o sexo do bebé: vai ser um José Miguel.

E preocupações por causa da idade e da sua própria longevidade, têm? Maria já pensou no facto de ser uma mãe mais velha e de eventualmente poder deixar o filho órfão mais cedo. Nesse caso, gostava que a filha mais velha cuidasse do menino. “Quero deixar tudo escrito”, garante. Ailton não gosta de pensar no assunto, e já só vê a hora de ter o

O que muda aos 50

Muita coisa muda no corpo de uma mulher aos 50 anos, dificultando uma possível gravidez.

1. AS DIFICULDADES

- Diminuição da função ovárica, com possível inviabilidade dos óvulos;
- Alterações da tolerância à glicose;
- Modificações do metabolismo ósseo que podem levar a osteoporose;
- Modificações de humor, insónia e irritabilidade;
- Aparecimento de fatores de risco para doença cardiovascular, como hipertensão arterial e hipercolesterolemia.

2. OS RISCOS

Nestas idades, a gravidez é sempre de alto risco.

- Risco de abortamento e gravidez extrauterina;
- Risco de patologia hipertensiva da gravidez;
- Risco de diabetes gestacional;
- Risco de alterações do crescimento fetal;
- Maior probabilidade de cesariana.

(Fonte: Vladimiro Silva, administrador e responsável pelo Laboratório de PMA da Ferti-centro)

1
NÚMERO DE MULHERES COM 50 ANOS OU MAIS QUE DERAM À LUZ EM 2011
EM PORTUGAL, SEGUNDO DADOS DO INE. NO ENTANTO, EM 2006 HOUVE 6 PARTOS DE MULHERES COM 50 OU MAIS ANOS E EM 2000 7 PARTOS, O NÚMERO MAIS ELEVADO DA ÚLTIMA DÉCADA NO NOSSO PAÍS

€5000
É O CUSTO MÉDIO DE UM TRATAMENTO DE FECUNDAÇÃO IN VITRO NUMA CLÍNICA PRIVADA

A DOAÇÃO DE ÓVULOS DE MULHERES MAIS JOVENS É MUITO UTILIZADA, GARANTINDO TRATAMENTOS COM TAXAS DE SUCESSO ENTRE OS 50 A 60%. A MAIORIA DAS MULHERES DE 50 ANOS JÁ ESTÁ EM SITUAÇÃO DE PRÉ-MENOPAUSA OU DE MENOPAUSA, O QUE NÃO IMPEDE UMA GRAVIDEZ DE SUCESSO

39
ANOS É A IDADE MÁXIMA DAS CANDIDATAS A MÃE NOS HOSPITAIS PÚBLICOS
O QUE EMPURRA AS CANDIDATAS COM IDADES SUPERIORES PARA AS CLÍNICAS PRIVADAS. EXISTEM CERCA DE 25 EM PORTUGAL

82,4
ANOS É A ATUAL ESPERANÇA DE VIDA DA MULHER EM PORTUGAL
A DOS HOMENS SITUA-SE NOS 76,5 ANOS

5%
DAS MULHERES QUE PROCURAM A IVI-LISBOA TÊM 49 ANOS
NUMA DAS CLÍNICAS QUE FAZEM TRATAMENTOS DE FERTILIZAÇÃO IN VITRO. DAS QUASE 700 CONSULTAS ANUAIS, 5% SÃO DE MULHERES NESTA IDADE

filho nos braços e de poder brincar com ele. Considera que a tendência para as mulheres engravidarem cada vez mais tarde vai acentuar-se, “porque as pessoas querem fazer uma data de coisas primeiro: carreira, casa, dinheiro...”.

Para o pediatra Mário Cordeiro não há fórmulas ou idades ideais para ser pai ou mãe: “Não há ‘pais ou mães-avós’ — há pais e mães, que até podem já ser avós, mas a maneira como expressam a relação com as crianças é diferente”, defende. Segundo ele, “cada casal decide se e quando quer ter filhos e os comentários alheios são, na maioria dos casos, inconvenientes e desprovidos de sentido ou validade científica”. Para ele, “a idade ideal é quando um casal quer e decide que pode ter filhos. E se os mais novos têm mais ‘arcaboço’ físico e estão numa fase de início de carreira, os mais velhos têm maior estabilidade, tranquilidade e sabedoria. Com o aumento exponencial de famílias reconstituídas, é natural que surjam mais pais tardios”. Ser bom pai “não se mede pelos anos das pessoas, mas pela sua construção psicológica e emocional e pela sua capacidade parental”, conclui.

A presidente da Associação Portuguesa de Demografia, Maria Filomena Mendes, recorda que o nosso país tem assistido a um acentuado “declínio da fecundidade, provocado pelo facto de as mulheres terem cada vez menos filhos e mais tarde”. “Estes nascimentos adiados nem sempre são recuperados”, concede a professora de Sociologia, na Universidade de Évora, mas “os avanços da ciência e da tecnologia na área médica, aliados à enorme vontade de ser mãe ou pai, mesmo em idades mais maduras, podem contribuir para a inversão dessa tendência”. Para, ela a pedra de toque é a mesma do que avança o pediatra: “Se é importante para o país recuperar em idades mais ‘avançadas’ os nascimentos ‘perdidos’ nas idades mais jovens, é essencial que sejam filhos desejados por pais felizes com esses nascimentos”.

UMA PERCENTAGEM RESIDUAL

Vladimiro Silva, responsável pela Ferti-centro, clínica de fertilização *in vitro* que existe em Coimbra há 11 anos, explica que “das cerca de 500 mulheres que nos procuram todos os anos, 12 têm 50 ou mais anos”. Esta idade é o limite etário admitido pelas clínicas privadas, que em muitos casos só aceitam candidatas a mãe até aos 49 anos. “Os centros públicos não estão autorizados a tratar mulheres com mais de 39 anos”, conta, o que empurra todas as candidatas acima dessa idade para as cerca de 25 clínicas existentes no país. “Em 2012, engravidaram quatro das

cinco mulheres com 50 ou mais anos que efetivamente fizeram tratamento conosco. Têm uma elevada probabilidade de sucesso, visto que aos 50 anos recorre-se sempre à doação de óvulos (e as dadoras têm cerca de 25 anos). Nesta idade, a esmagadora maioria das mulheres já está na menopausa ou num situação de pré-menopausa, em que os ovários perderam a capacidade de produzir óvulos viáveis”, explica.

“Há uma evidente tendência para o aumento da idade média das nossas doentes”, continua o clínico, mas na faixa etária acima dos 40, não especificamente na dos 50. Quanto ao perfil típico da cliente com mais de 50 anos que os procura, “muitas vezes está em segundos casamentos, em que um dos elementos (normalmente o homem) não tem filhos e por isso tentam ter um filho em conjunto. São também relativamente frequentes os casos em que elas são bastante mais velhas do que eles”. Quanto a questões éticas, Vladimiro considera que “em Portugal as clínicas de Medicina de Reprodução têm atuado com bom senso e colocaram informalmente o limite nos 50 anos”. E como “a esperança média de vida das portuguesas já ultrapassa os 82 anos, não estamos propriamente a falar de uma geração de potenciais órfãos.”

Na IVI-Lisboa, outra clínica da especialidade fundada há sete anos, só se realizam ‘tratamentos de fertilização em mulheres até aos 49 anos’, explica o diretor clínico Sérgio Soares, de 44 anos. Os casais “com parceiro feminino até aos 48 não chegam aos 5%”, e um tratamento de FIV (fecundação *in vitro*) custa entre os €4000 e os €5000. Depois de fazer um *check-up* geral à saúde da candidata, é preciso explicar ao casal que só tem perspetivas reais de sucesso com a doação de ovócitos. Aí, as probabilidades são muito boas. Ainda assim, trata-se de gestações com algum risco acrescido de hipertensão arterial, diabetes gestacional e parto prematuro”, prossegue. “São, no geral, situações pontuais decorrentes de circunstâncias de vida individuais, como um segundo casamento, o encontro tardio (do ponto de vista biológico) do companheiro adequado — e não uma tendência populacional”, considera.

O OLHAR DOS OUTROS

Com uns belíssimos 53 anos, mãe de dois filhos (uma de 35, outro de 3 anos), Fernanda Fernandes resume deste modo a sua segunda gravidez: “Foi o momento mais feliz da minha vida. Mas profissionalmente foi um desastre.” Bernardo e Carina são irmãos com 32 anos de diferença. Ambos foram planeados: uma gravidez aos 18 anos,

"EM PORTUGAL AS CLÍNICAS DE MEDICINA DE REPRODUÇÃO TÊM COLOCADO INFORMALMENTE O LIMITE PARA OS TRATAMENTOS DE FERTILIDADE NOS 50 ANOS"

fruto de um primeiro casamento de Fernanda, outra aos 50, fruto do segundo casamento. Apesar das mais de três décadas de intervalo, ela garante: “Ouvi quase os mesmos comentários da sociedade aos 18 como aos 50”. Da segunda vez, “as piores reações foram no trabalho, sobretudo por parte das mulheres”. Ouvia observações do género: “Ai, o que te havia de acontecer...” ou “Agora com essa idade é que te deu para aí...”.

Mas o pior foi mesmo em termos de carreira: antiga gerente de balcão de um banco, foi remetida para os serviços sociais, “depois de dois anos sem situação estabilizada nem local fixo de trabalho.” Os problemas começaram ao quinto mês de gravidez, quando foi mandada para casa “de baixa médica, porque o bebé não se desenvolvia. O stresse no trabalho era tal que, aos cinco meses de gravidez, eu pesava menos 4kg do que o meu peso normal, antes de engravidar”, conta Fernanda. Uma vez em casa, o bebé cresceu normalmente, até aos 4kg. “Senti-me menos ansiosa na segunda gravidez, não fiquei mais cansada e fui muito bem acompanhada” (pelo médico da IVI Lisboa, onde fez o tratamento de inseminação, que lhe custou cerca de €5000).

O marido, mais novo — tem 37 anos —, ficou “muito contente com a gravidez”. Casados desde 2000, tentaram engravidar de forma natural em 2005, mas Fernanda teve um aborto espontâneo. Depois, esperou que voltasse a acontecer naturalmente. “Até que, em 2009, o médico me disse que os meus índices de fecundidade se estavam a alterar — e então decidi fazer a fecundação medicamente assistida numa clínica”.

Recomenda “vivamente a maternidade nesta ou noutra idade qualquer, desde que seja desejada.” Medos nunca a assombraram: “Nós não podemos ter medo de viver”, assegura. “A morte é garantida para qualquer ser humano. Portanto, a idade não pesou na altura de engravidar”, diz. A relação entre os dois irmãos — Bernardo e Carina, que é arquiteta, mas trabalha como hospedeira no Dubai, onde vive há três anos — é ótima. Fernanda pensa que “a tendência de ser mãe cada vez mais tarde será crescente parente todos os indicadores da sociedade — estudar até mais tarde, ter estabilidade mais tarde...” Na creche, nunca se sentiu discriminada: “O Bernardo é igual a todos os outros meninos.” Só tem pena que a mentalidade portuguesa seja “tão fechada”: “Quando se faz qualquer coisa diferente, a única reação das pessoas é criticar”, diz com pena. Mesmo que a maternidade seja um dos instintos mais antigos de sempre. ●

revista@impresa.pt